



NOTAS REFLEXIVAS ACERCA DO ESPECISMO, DO RACISMO E DA VIOLÊNCIA INSPIRADAS PELO CONTO “SEXTA DIMENSÃO” DE STEFANO VOLP

CARLOS JORGE DA SILVA CORREIA FERNANDES¹

RESUMO: Neste trabalho, parte-se do conto “Sexta dimensão”, de Stefano Volp (2021), para se tecer reflexões acerca do especismo, do racismo e da violência em três momentos. Analisa-se a possibilidade da constituição de novos parentescos para além das fronteiras do especismo, tendo em vista o relacionamento entre um ser humano e um humanoide, personagens do referido conto. Na sequência, considera-se o racismo enfrentado por Alfredo, primeiro humanoide negro da nação fictícia do conto em questão, que sofre com o exílio na sexta dimensão e com o apagamento de suas memórias. Em um terceiro momento, pondera-se, finalmente, sobre as possibilidades e limitações da solução da violência para a superação de opressões de toda sorte, particularmente o racismo. No desenvolvimento do texto, são reunidos referenciais filosóficos que ampliam a compreensão das relações entre humanos e não humanos (Haraway, 2023, 2022, 2021 e 2009), e do racismo e das formas de seu enfrentamento (Fanon, 2008 e 1968), com o objetivo de discutir episódios do conto em análise. Dessa forma, propõe-se um conjunto de notas reflexivas acerca do especismo, do racismo e da violência, utilizando-se a literatura como recurso para explorar essas temáticas, tendo em vista que ela expõe o pensamento filosófico às forças da especulação.

PALAVRAS-CHAVE: Especismo; Ficção; Filosofia e literatura; Racismo; Violência.

ABSTRACT: This paper draws on Stefano Volp’s short story “Sexta dimensão” (2021) to reflect on speciesism, racism, and violence across three analytical stages. It examines the possibility of forging new kinships beyond the boundaries of speciesism, taking into account the relationship between a human and a humanoid, both characters from the aforementioned narrative. Subsequently, it addresses the racism experienced by Alfredo, the first Black humanoid in the story’s fictional nation, who endures exile in the sixth dimension and the erasure of his memories. In the third section, the paper considers the potentialities and limitations of violence as a strategy for overcoming various forms of oppression, particularly racism. Throughout the text, philosophical frameworks are mobilized to broaden the understanding of human and non-human relations (Haraway, 2023, 2022, 2021, and 2009) and of racism and its mechanisms of resistance (Fanon, 2008 and 1968), with the aim of interpreting events depicted in the short story. Thus, the paper presents a series of critical reflections on speciesism, racism, and violence, using literature as a methodological tool to explore these themes, considering that literature exposes philosophical thought to the forces of speculation

KEYWORDS: Speciesism; Fiction; Philosophy and Literature; Racism; Violence.

¹ Professor de Biologia na Escola Estadual Princesa Isabel da Rede Estadual de Educação de Alagoas e Biólogo no Museu de História Natural - Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduando em Filosofia pela UFAL. E-mail: carlos.correia@mnh.ufal.br.

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. (Fanon, 1968, p. 28)

Se a cisão do mundo em dois, conforme nos lembra Fanon (1968), em metrópole e colônia, representou os horrores que conhecemos do processo de colonização, o que dizer de um mundo dividido em seis dimensões? Nesse cenário, quantos e quais tipos de opressões seriam engendradas nas sociedades que povoassem tais dimensões? Neste trabalho, parte-se do conto “Sexta dimensão”, de Stefano Volp (2021), para se tecer reflexões justamente acerca de opressões que podem emergir de relações entre humanos e não humanos, as quais envolvem germes do especismo, do racismo e da violência.

Inserido na coletânea “Raízes do amanhã” (Souza, 2021), que reúne oito contos que dialogam com o afrofuturismo, “Sexta dimensão” nos apresenta o humanoide Alfredo, residente de uma nação do futuro: os Estados Unidos do Brasil. Nesta obra, são expostos os contrastes entre duas “dimensões” – a sexta e a primeira – em que coexistem diferentes formas de existência. Alfredo, aprisionado na sexta dimensão, simboliza um estado de alienação e complexidade existencial, enquanto Salomão, seu esposo humano na primeira dimensão, representa a resistência, com seus esforços para resgatar seu amado do exílio e das opressões que sofre na sexta dimensão.

Trata-se, portanto, de um texto provocativo que dialoga com a teoria do multiverso², causando-nos, ao mesmo tempo, estranhamento e fascínio com a possibilidade de coexistirmos em diferentes mundos. Com efeito, Albuquerque (2020) argumenta que textos de ficção como este possuem um enorme potencial para estimular o pensamento filosófico, uma vez que nos expõem às forças da especulação que a literatura reúne de forma bastante significativa.

Nessa direção, lanço mão deste conto para refletir, do ponto de vista da filosofia, em um primeiro momento, acerca da possibilidade da constituição de novos parentescos para além das fronteiras do especismo, tendo em vista o relacionamento entre Alfredo (humanoide) e Salomão (ser humano), personagens centrais do referido conto. Na sequência, considero o racismo enfrentado por Alfredo, primeiro humanoide negro dos Estados Unidos do Brasil, que sofre com o exílio na sexta dimensão e com o apagamento de suas memórias. Em um terceiro

² De acordo com Drake (2022, on-line), o multiverso “é um termo que os cientistas usam para descrever a ideia de que além do universo observável, outros universos também podem existir. Os multiversos são previstos por várias teorias científicas que descrevem diferentes cenários possíveis – desde regiões do espaço em planos diferentes do nosso universo, até universos-bolha separados que estão constantemente surgindo”.

momento, pondero, finalmente, sobre as possibilidades e limitações da solução da violência para a superação de opressões de toda sorte, particularmente o racismo.

Para tanto, no desenvolvimento do texto, são reunidos referenciais filosóficos que ampliam a compreensão das relações entre humanos e não humanos (Haraway, 2023, 2022, 2021 e 2009) e do racismo e das formas de seu enfrentamento (Fanon, 2008 e 1968), com o objetivo de discutir episódios do conto em análise. Dessa forma, ao longo deste trabalho, propõe-se um conjunto de notas reflexivas acerca do especismo, do racismo e da violência, utilizando-se a literatura como recurso para explorar essas temáticas. Com isso, espera-se demonstrar o potencial de se valer da literatura como elemento de sensibilização para o refletir filosófico no âmbito do ensino e da pesquisa em filosofia, o que pode nutrir os horizontes de atuação de professores de filosofia na educação básica ou mesmo no ensino superior (Gallo, 2012).

O amor ciborgue³: fazendo novos parentes nos dias da destruição

A diversidade de formas animais na Terra emergiu na sopa bacteriana salgada do oceano. Em todos os estágios de suas histórias de vida, os animais em evolução tiveram que se adaptar à colonização ávida de bactérias do interior e exterior de seus corpos. Os padrões de desenvolvimento de formas de vida complexas tendem a exibir a história dessas adaptações, uma vez que cientistas aprenderam a buscar as evidências. Os seres da Terra são preensíveis, oportunistas, prontos para misturar parceiros improváveis em um algo novo, algo simbiogenético. Espécies companheiras coconstitutivas e a coevolução são a regra, não a exceção. (Haraway, 2021, p. 42)

Se levarmos em conta que os padrões de desenvolvimento de formas de vida complexas na Terra emergiram de lutas e adaptações relacionadas com processos de colonização, como nos aponta Haraway (2021), torna-se mais fácil compreender a importância de se estabelecer novas e constantes alianças com diferentes seres, vivos ou não, na tentativa de viver bem neste planeta. Com efeito, exatamente por isso é que os seres da Terra sempre estão prontos para se misturar com parceiros inesperados, conclui a filósofa.

Em “Sexta dimensão” (Volp, 2021), temos um exemplo nítido disso. Afinal, o amor entre um ser humano (Salomão) e um humanoide (Alfredo), que compartilham entre si o mesmo risco de destruição, pode ser perfeitamente classificado como do tipo ciborgue: “Fred não é

³ De acordo com Haraway (2009, p. 36), “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (...) A ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues – criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados. A medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junções entre organismo e máquina, cada qual concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade”.

humano, mas também está em extinção. É um humanoide modelo RY678, um dos primeiros de pele negra legalizados pelos Estados Unidos do Brasil” (Volp, 2021, p. 80). Ou seja, para além de se tratar de uma relação ciborgue, o amor entre eles também envolve aspectos raciais.

Nesse sentido, o enredo do conto “Sexta dimensão” (Volp, 2021) nos faz pensar em questões complexas, problemas de difícil solução, tais como os limites éticos de uma relação entre humano e não humano⁴ e o racismo, que, nesse caso, apresentam-se como elementos interseccionais que aprofundam os dilemas envolvidos entre os personagens da história. Para Haraway (2023, p. 14), contudo, enfrentar um problema tão grave como o risco de extinção “requer estabelecer parentescos estranhos; isto é, precisamos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas, em amontoados quentes de composto”, quando desejamos continuar existindo ainda que em meio a ruínas.

Esse tipo de semiótica material é sempre situado, emaranhado e mundano, localizado em algum lugar e não em lugar algum. Sozinhos, com nossos diferentes tipos de especialidade e experiência, sabemos ao mesmo tempo muito e muito pouco, e então sucumbimos ao desespero ou à esperança – e nenhum dos dois é uma atitude sensível (ou sensata). Nem o desespero nem a esperança estão sintonizados com os sentidos, com a matéria conscienciosa, com a semiótica material, com os terráqueos mortais em copresença densa. (Haraway, 2023, p. 14)

Alfredo estava sozinho, exilado na Sexta Dimensão do seu marido, Salomão, e da sua filha, que viviam, por sua vez, na primeira dimensão, a procurar pelo seu parente colonizado. Então, de repente, conseguir olhar para Alfredo bem em sua frente, depois de tê-lo descoberto aprisionado e com as memórias apagadas na sexta dimensão, foi uma grande emoção para Salomão:

Salomão não aguenta mais. Parte para cima de Alfredo, agarra-o pelo pescoço e pressiona os lábios dele contra os seus. A princípio, o humanoide tenta reprimi-lo, mas Salomão não o solta. Beija-o com certa brutalidade uma, duas, três vezes. Aperta-o contra a parede. Na quarta vez, os lábios de Alfredo não estão mais tão duros. Seu corpo se afrouxa. O beijo vai se tornando maleável. As línguas se encontram. Lágrimas brotam dos olhos de ambos. Então, mesmo desejando que aquele momento jamais acabe, Salomão interrompe o gesto e dá um passo para trás. (Volp, 2021, p. 86-87)

A co-presença densa e clandestina de Alfredo e Salomão, em um banheiro da Zona Verde, na qual o humanoide trabalha, representa uma oportunidade única de libertação do exílio

⁴ “Salomão era o professor de Linguística mais renomado de sua idade, levava uma vida simples dando e-classes em plataformas particulares até aceitar uma proposta secreta: aperfeiçoar os processos de linguagem dos humanoides fabricados. Alfredo seria sua primeira cobaia e, por mais estranho que pudesse parecer, um sentimento brotou à primeira vista. Salomão se considerava um babaca por imaginar coisas quando via os olhos do paciente brilharem durante as conversas, mas não sabia como o próprio rosto se iluminava diante da capacidade cognitiva que aquele robô, com rosto e corpo de homem, demonstrava para verbalizar, construir, refletir e sentir. Com o tempo, os dois quebraram algumas regras cruciais, mas, por fim, a linguagem do amor foi mais forte do que qualquer outra”. (Volp, 2021, p. 90)

e da alienação a que Alfredo foi subjugado. Para este momento crucial, ocorre-me que a trilha sonora que ouço enquanto escrevo este trecho do artigo poderia ser perfeitamente adotada, qual seja: “Vem, meu amor, vem pra mim. Me abraça devagar. Me beija e me faz esquecer”; versos de Marisa Monte (1989), os quais, permitam-me uma ligeira adaptação para dizer “me beija e me faz *lembrar*”, conectando-os, ainda mais, com o reencontro de Alfredo e Salomão.

Os condenados da Sexta Dimensão⁵: o racismo como exílio e negação de acesso às memórias

— Que saudade, cara. — É tudo que Salomão consegue dizer, represando as emoções na garganta. — Esperei muito pra te ver de novo.

— Não conheço você.

— Conhece — afirma Salomão, tentando se controlar para não assustá-lo. — De outra dimensão. Estamos na sexta dimensão.

— Isso é impossível.

— A gente se conheceu na primeira. Nos apaixonamos. Estou procurando você há muito... (Volp, 2021, p. 86)

— Somos casados — diz Salomão quando consegue voltar a falar. — Você é meu marido. — Ele ri.

Os dois se encaram em silêncio por um tempo. Fred ainda parecendo decidir se acredita ou não.

— Por que estamos aqui? — pergunta.

— Quando os humanoides começaram a lutar entre si, o ciclo se repetiu. Você foi dominado. Todos os outros robôs pretos da sua época foram. Proibidos de serem livres. Proibidos de se envolver emocionalmente com qualquer pessoas... mas nos apaixonamos. Descobriram e separaram a gente. (Volp, 2021, p. 87)

Na Sexta Dimensão, a Alfredo foi negado o direito à memória. No exílio de Alfredo sequer o banzo seria possível, pois nem a lembrança das suas origens e daqueles que ele amou e o amaram lhes foram permitidas. O apagamento absoluto do ser. Afinal, o que resta de nós mesmos para além das nossas memórias? Com certeza, apenas a ilusão de que somos livres, sem sê-lo: “*Achei que fosse livre* [diz Alfredo]. A última frase sai amarga”. (Volp, 2021, p. 88, grifos do autor).

A objetificação do ser pelo apagamento de suas memórias coloniza Alfredo de tal maneira que, na Sexta Dimensão, ele performa tão somente como um serviçal a cumprir ordens metodicamente. Para Coelho (2016, p. 3), devemos recordar, entre outras coisas, para não aceitarmos as atrocidades do passado e os traumas envolvidos, pois “aquilo que não é lembrado se repete compulsivamente na vida do sujeito por meio de uma ação, muitas vezes sem que ele sequer perceba”. Com efeito, as práticas racistas inviabilizam aos negros aquilo que Fanon

⁵ Aqui, estou parafraseando a importante obra *Os condenados da Terra*, de Frantz Fanon (1968).

(2008) nomeou como “desejo de estar na origem do mundo”, descobrindo um sentido para a vida que se leva:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. (Fanon, 2008, p. 103)

E eis que, através de um beijo ciborgue, Alfredo se descobre objeto em meio a outros objetos. Mas não somente isso. Lembra que, na sua ancestralidade, há aqueles que o amam e lhe chamam carinhosamente de “Fred” (como a sua filha adotiva). Coelho (2016, p. 4) explica que o fenômeno da lembrança não se dá exclusivamente no interior do indivíduo, uma vez que ele envolve uma dimensão coletiva, tendo em vista que “nossas memórias estão necessariamente atreladas a lugares que nos suscitam lembranças, a testemunhos proferidos por outras pessoas e às lembranças que compartilhamos com outros indivíduos”. Portanto, um beijo pode fazer *lembrar*.

Lembrar que somos seres, humanos ou não, igualmente dignos de direitos. Nas palavras de Fanon (1968), essa descoberta é revolucionária:

Então o colonizado descobre que sua vida, sua respiração, as pulsações de seu coração, são as mesmas do colono. Descobre que uma pele de colono não vale mais do que uma pele de indígena. Essa descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela decorre toda a nova e revolucionária segurança do colonizado. Se, com efeito, minha vida tem o mesmo peso que a do colono, seu olhar não me fulmina, não me imobiliza mais, sua voz já não me petrifica. Não me perturbo mais em sua presença. Na verdade, eu o contrario. Não somente sua presença deixa de me intimidar como também já estou pronto para lhe preparar tais emboscadas que dentro de pouco tempo não lhe restará outra saída senão a fuga. (Fanon, 1968, p. 34)

Nesse ponto, Salomão apresenta uma rota de fuga para Alfredo: morrer na Sexta Dimensão para acordar livre na Primeira Dimensão. Mais uma vez apelo para a poética de Marisa Monte (1989, grifos meus): “E o que que a vida fez da nossa vida? *O que é que a gente não faz por amor?*” No conto, uma morte violenta com uma bala de uma substância letal para humanoides, a diamantina, apresenta-se como a solução final para as opressões da Sexta Dimensão. Esse episódio leva-nos a refletir sobre a solução da violência para os problemas que nos afligem. De fato, Fanon (1986) indicou esse caminho como tática para superação da colonialidade/escravidão. É sobre isso que se discute na continuidade deste artigo.

Uma bala diamantina: a “solução” para enfrentar as opressões seria a violência?

No livro *Os condenados da Terra*, Fanon (1968) indica que a violência pode ser uma estratégia de resistência e superação do colonialismo e do racismo, desde que represente uma forma de libertação para o colonizado. De acordo com o autor, a violência não é um meio, mas

um fim, pois destrói a lógica da dominação e constrói a identidade do povo colonizado de uma maneira completamente nova. Porém, ao mesmo tempo, o filósofo também destaca a complexidade da violência e a necessidade de reflexão crítica sobre seus usos e consequências.

Exposta em sua nudez, a descolonização deixa entrever, através de todos os seus poros, granadas incendiárias e facas ensanguentadas. Porque se os últimos devem ser os primeiros isto só pode ocorrer em consequência de um combate decisivo e mortal, entre dois protagonistas. Esta vontade de fazer chegar os últimos à cabeça da fila, de os fazer subir com cadência (demasiado rápida, dizem alguns) os famosos escalões que definem uma sociedade organizada, só pode triunfar se se lançam na balança todos os meios, inclusive a violência, evidentemente. (Fanon, 1968, p. 27)

A solução que Salomão apresenta para Alfredo perpassa exatamente um ato de violência, que, ainda que não diretamente endereçado aos colonizadores, impõe danos a eles com a perda de um de seus humanoides colonizados. Assim, a lógica da violência como estratégia de libertação proposta por Fanon (1968) aplica-se aqui. De fato,

As mãos de Alfredo tornam-se rápidas e fortes como garras, e ele prensa Salomão na porta, prendendo-o pelo colarinho.
— Veio aqui para me matar?
— Estou salvando você. (Volp, 2021, p. 88)

Diamantina é letal para qualquer humanoide. — Fizeram você acreditar nisso, mas não é verdade. — Eu detecto mentiras.
— Então me leia! — implora Salomão. Os dois ficam em silêncio outra vez, agora com a respiração alterada. — O tiro de diamantina é a única chance de resetar nosso código em qualquer dimensão. Podemos voltar imediatamente à primeira. Podemos nos libertar. (Volp, 2021, p. 89)

Haraway (2023, p. 201) argumenta que não importa apenas viver bem, é preciso morrer igualmente bem. Para ela, “uma maneira de viver e morrer bem como bichos mortais (...) é unir forças para reconstituir refúgios”, exatamente o que os esforços de Salomão intencionam: restaurar suas vidas, agora na Primeira Dimensão. Nesse processo, inclusive, deve-se “necessariamente incluir o luto por perdas irreversíveis” (Haraway, 2023, p. 201). Com efeito, em “Sexta dimensão” a estratégia adotada por Salomão acabou se mostrando ambígua, posto que eficiente, mas letal:

Salomão não consegue se livrar do incômodo no peito e da estranha dor de agora olhar para as próprias mãos e perceber a pele coberta por tantas linhas envelhecidas que...
— Seu pai — consegue dizer, espantado pelo tom rouco e desgastado da própria voz.
— Cadê seu pai?
Com esforço, Bia consegue se recuperar. Leva os dedos até o peito de Salomão, o olhar ainda cortado por algo além da saudade.
— *Ele voltou há cinco minutos. Teve tempo de me olhar... Disse que me amava.*
Transtornada, Bia trava, desiste, nega com a cabeça e vai embora da sala aos soluços. O peito de Salomão se aquece, a cabeça pende para o lado, e só então a agressão da morte se assoma em todo o seu ser. *Na cama ao lado, o amor de sua vida repousa ainda com a aparência jovem, a pele retinta brilhante. Nos lábios sem vida, o quase sorriso de quem havia descoberto do que o amor era capaz.* (Volp, 2021, p. 93, grifos meus)

Alfredo conseguiu regressar à Primeira Dimensão, mas nela permaneceu apenas por um instante, tempo suficiente, é verdade, para rever sua filha e dizer-lhe que a amava. De alguma forma, valeu a pena! O luto pode ser entendido como “uma possibilidade de aprender uma forma de desapropriação que é fundamental para o ser”, pois ele “adentra na fragilidade que constitui historicamente o humano, levando sempre à relação com alguém” (Oliveira; Gubert, 2022, p. 5). Alfredo sofreu o dano da morte, mas recuperou suas memórias, reconheceu seus amores e experimentou, novamente, ainda que de maneira fugaz, a liberdade.

O episódio em tela nos permite refletir sobre os limites e possibilidades da violência enquanto solução para o que quer que seja: seriam os seus resultados duráveis? A princípio, penso que não. A violência parece carregar a ambiguidade⁶ da resolução rápida, mas quase sempre letal, instável, momentânea. Não que exista algo que dure para sempre, mas, a meu ver, as soluções engendradas pela violência, mais que as outras, tendem a desestabilizar os seres, vivos ou não, de tal forma que bloqueia as possibilidades do devir.

Considerações finais

Bem que se quis
Depois de tudo
Ainda ser feliz
Mas já não há
Caminhos pra voltar

Pino Daniele, traduzida por Nelson Motta (cantada por Marisa Monte) (1989)

Os seres animados, penso, sejam humanos ou não, aspiram à felicidade. No caso de Alfredo e Salomão, como vimos, os caminhos possíveis para voltar a viver na Primeira Dimensão, depois de tudo o que enfrentaram, foram reduzidos às chances de se sobreviver a uma bala de diamantina. Em “Sexta dimensão”, a viagem de regresso findou-se em morte, mas antes dela, em glória: olhar quem se ama e afirmar o nosso amor.

Neste texto, a partir desse conto, diria, de ficção científica, busquei refletir sobre temas como as relações entre humanos e não humanos em intersecção com o problema do racismo. Para tanto, foram reunidas, principalmente, ideias da filósofa-bióloga Donna Haraway (2023, 2022, 2021 e 2009) e do filósofo Frantz Fanon (2008 e 1968) para ponderar a respeito do

⁶ Quando me refiro à ambiguidade, estou pensando nas reflexões que Morin (2015, p. 9) nos provoca ao tentar entender o mundo que nos espera: “para entender o que acontece e o que vai acontecer no mundo, é preciso ser sensível à ambiguidade. O que é a ambiguidade? Ela se traduz pelo fato de que uma realidade, pessoa ou sociedade se apresenta sob o aspecto de duas verdades diferentes ou contrárias, ou então apresenta duas faces, não se sabendo qual é a verdadeira”.

potencial dessas relações e da estratégia da violência para a superação de opressões. Ao fim e ao cabo, não consigo condenar quem, por amor, por dignidade, por liberdade, por um beijo, por um olhar afetuoso decide agir no mundo que o oprime... e isso, invariavelmente, representará algum tipo de violência. Afinal, para que os últimos sejam os primeiros é preciso uma reviravolta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Alana Soares. Por uma ficção científica ou uma ciência ficcional: jogos e disputas entre ficção, ciência e filosofia. *Khronos, Revista de História da Ciência*, São Paulo, n. 9, p. 146-162, jun. 2020.

COELHO Maria Clara. O direito à memória como instrumento de reflexão crítica do passado e de criação de um novo futuro. *Caderno Virtual*, [S.l.], v. 1, n. 33, p. 1-18, 2016.

DRAKE, Nadia. O que é o multiverso – e há alguma evidência de sua existência? *National Geographic Brasil*, 6 maio 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2022/05/o-que-e-o-multiverso-e-ha-alguma-evidencia-de-sua-existencia>. Acesso em: 15 maio 2025.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. Tradução de Juliana Fausto. São Paulo: Ubu, 2022.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TOMAZ, Tadeu. (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

MONTE, Marisa. Bem que se quis. In: MONTE, Marisa. *MM*. 1 disco compacto (45”21). Faixa 2 (3’37). São Paulo: Phonomotor Records, 1989.

MORIN, Edgar. Entender o mundo que nos espera. In: MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. *Como viver em tempo de crise?* Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, p. 7-27.

OLIVEIRA, Cleiton Cruz de; GUBERT, Paulo Gilberto. O luto como desconstrução da identidade do sujeito em Judith Butler. *Razão e Fé*, Pelotas, v. 24, n.1, p. 2-8, 2022.

SOUZA, Wadson. *Raízes do amanhã: 8 contos afrofuturistas*. Pontes Gestal: Gutenberg; Plutão Livros, 2021.

VOLP, Stefano. Sexta dimensão. In: SOUZA, Wadson. *Raízes do amanhã: 8 contos afrofuturistas*. Pontes Gestal: Gutenberg; Plutão Livros, 2021, p. 80-94.